

LEMBRANÇAS DE PARIS

RUBEM BRAGA

1232
São noites de Paris, que acho em um caderno velho de ano e meio. Algumas, já deve ter usado em crônicas; outras eram mesmo para mim. As vezes não entendo a letra. Mas aproveito, aqui e ali, alguma lembrança dessa viagem atrapalhada.

* * *
Vou ouvir Edith Piaff. Entra no palco vestida de preto. Tanto quanto é possível calcular a idade de uma francesa — deve andar entre os 40 e os 50 anos. E' magra, tem os ombros estreitos, as pernas feias, os cabelos mal pintados, as sobrancelhas em dois riscos, as mãos magras. Mas a testa grande, os olhos e a boca lhe dão ao mesmo tempo um ar de inteligência e de sofrimento. Cocteau descreveu "sua testa de Bonaparte, seus olhos de céga que acaba de recuperar a vista".

A Piaff, mulher de má vida, filha de mulher de má vida, foi descoberta quando sua mocidade infeliz já mergulhara nas sombras do passado. O publico descobriu-a na calçada dos bares, cantando, como cantam em Paris para pedir esmola tantas mulheres envelhecidas, canções lancinantes, com uma voz espichada. Tinha a voz enrouquecida pelas noites excitantes e melancólicas. Um ar de quem já se humilhou, já apanhou na cara. E uma estranha dignidade.

* * *
Estou sozinho num quarto de hotel. Estou de repente extraordinariamente sozinho na cidade, no mundo. O telefone não bate, nenhuma carta chega jamais, ninguém me procura. As pessoas que estimo andam longe, rindo ou preocupadas com outras coisas e outras pessoas. Tenho a impressão, ao mesmo tempo dolorosa e consoladora, de que eu poderia sumir para sempre sem ninguém notar.

Ando só pela rua, olhando essas arvores, esses casarões monotonos de Paris. Não tenho vontade de fazer nada. As vezes tenho a impressão de que não sinto mais nada.

Mas acabaram as férias. Vejo de minha janela, lá em baixo, as primeiras crianças daquela escola publica que voltam ao patio do recreio. Reconheço duas ou tres dessas crianças: um menino muito magro, sardento, de cabelos ruivos, e uma menina extraordinariamente alva de cabelos muitos negros: Deve ter 12, talvez 13 anos.

Essa volta das crianças me comove; o patio vazio e silencioso me dava tristeza. Sem querer, sem saber, estou vivendo no ritmo da cidade.

Que será amanhã esse menino ruivo, que vida terá essa menina côr de giz, tão patéticamente linda com seus cabelos pretos amarrados em fita? Um estrangeiro desconhecido os reconhece, de sua janela de hotel; e sente uma obscura alegria.

* * *
Estou em um dia feliz. Atravesso uma ponte e depois entro numa rua que vai dar na Madeleine — em um "taxi", um desses "taxis" de Paris, enormes, negros, soturnos.

A tarde é de uma grave beleza. Sinto uma especie de respeito e gratidão por esse velho "taxi", de almofadas arrebitadas, molas fora do lugar, em que uma vidraça me separa do "chauffeur" e uma claraboia se abre para o cimo das arvores, o céu azul. E esse carro tem ao mesmo tempo um ar venerando e suspeito; deve guardar a recordação de tristes acompanhamentos de enterro e de passeios frívolos, pelas madrugadas de Montmartre, em 1913 — gente ávida de prazer, que hoje está morta ou velha...

Na hora de pagar, reparo a cara do "chauffeur". E' um homem velho, de cara triste e comprida. Deve ter sido cocheiro de fiacre no tempo em que ainda não havia automoveis. Ou então, com seu ar paciente e cansado, deve ter sido um magro cavalo de fiacre... Tenho vontade de lhe bater de leve a mão na cabeça e lhe dizer alegremente: "adeus, velho..."

* * *
Bonita, não. Mas tinha sua graça a francesinha de cabelos esvoaçantes metida em seu uniforme americanizado de tenente. Ia voltar para Baden Baden, e falava dos trabalhos da justiça francesa que procura na Alemanha os criminosos de guerra. Viu Otto Abetz em roupas de camponês, quando foi preso. O antigo embaixador alemão, o homem que soube comprar ou seduzir ou corromper tantos franceses, para a vergonha de França — estava ali, miseravel, preso.

— "Ainda assim, era elegante, e não perdeu o seu "aplomb".

O general Oberg, por exemplo, que resolvia sobre a vida e a morte de milhões de franceses, era, na prisão, um pobre diabo. Viu-o juntar papeis sujos dentro de uma lata de lixo.

— "Pensar que minha vida, e a de tanta gente querida, tinha estado nas mãos daquele sujeito, como se fossem aqueles papeis sujos... Confesso que estremei, lembrando meu tempo de prisão. Alguem, ao meu lado, disse o seu nome, alto, e ele ergueu os olhos feios e me fitou — com um sorriso humilde, imbecil, avacalhado..."

Confessa que uma noite estava sozinho, batendo à maquina algumas confissões e depoimentos sobre torturas em campos de concentração, quando teve uma crise de nervos: toda aquela infamia fisica e moral, todo aquele sadismo repugnante dos nazistas deu-lhe vontade de gritar, de correr, de chorar...

Toma outro copo de vinho e lembra que Otto Abetz pediu às autoridades francesas uma maquina de escrever, para redigir suas memorias. Passava os dias escrevendo. Quando parava um pouco, os guardas marroquinos batiam com força na porta e gritavam palavras incompreensíveis, mas ameaçadoras.

Afinal, tudo foi explicado: os soldados africanos pensavam que Abetz tinha sido posto de castigo, obrigado a bater à maquina o dia inteiro, e ficavam indignados quando ele parava um pouco...

26.1.49

"Diário Linceo."

v. Notas de Paris - 1949 36